

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA



SUMMARIO. — Uma pagina da historia, os Huguenotes; Ensaio litterarios, o sonho acordado. — Poesias: o X; Protesto; Eugenia. — Chronica.



Uma pagina da historia

(OS HUGUENOTES.)

Emquanto a nata da sociedade fluminense afflue hoje ao imperial theatro, uns para ouvirem a musica de Meyerbeer cantada pelos *rouxinoes* da presente estação e outros para ostentarem n'aquelle mundo de luzes, de harmonias e de perfumes o luxo e a variedade de seus *toilettes*, sem nada comprehender do motivo da opera, nem das bellezas da musica; emquanto os *cambistas*, á porta do theatro e á despeito da *vigilancia* da policia, abusam do gosto artistico dos não-assignantes, vendendo cadeiras por um preço fabuloso; emquanto o Sr. Ferrari calcula os rendimentos da noite, e a mocidade academica — que é o barometro das estações lyricas — marca do alto de seus *minaretes*, pela

intensidade dos applausos, as *variações* da companhia, nós alheando-nos um pouco ao presente e folheando rapidamente algumas paginas da historia, procuraremos ver, através da espessa camada do pó de 306 annos, o que foi essa triste hecatombe que, para vergonha do século XVI, se chamou a *noite de S. Bartholomeu*, e serviu de thema á Meyerbeer para uma de suas melhores composições — os *Huguenotes*.

Não trataremos do modo por que se fundou essa formidavel seita que, tendo por chefes o rei de Navarra, o principe de Condé, o almirante Coligny e outros, tantos recheios inspirou ao partido catholico francez de que eram chefes o duque de Guize e o condestavel de Montmorency; não trataremos dos calculos astuciosos da rainha Catharina de Medicis, no sentido de neutralisar as divergencias, afim de que do choque das paixões não resultasse a queda da corôa real da cabeça de seus filhos; não trataremos, tão pouco de outros factos que são corollarios deste, como a conspiração de Amboise, a formação de um terceiro partido á cuja frente se achava o chanceller de l'Hopital etc., etc.

São factos cuja analyse não cabe n'uma ligeira apreciação, e por isso, deixando-os de lado, tomaremos para ponto de partida o reinado de Carlos IX, procurando nos restrictos limites de um artigo frisar bem essa série de infamias, que começou por ter aquella rainha, no character de regente, permittido aos huguenotes o livre exercicio de seu culto, e terminou por ter ella mesmo aconselhado o exterminio de Coligny e de seus companheiros do modo mais vil e mais ignominioso que se pode imaginar!

Nunca o requinte da falsidade subiu a tão alto gráo: após tres sanguinolentas guerras, travadas no curto espaço de sete annos; após o tratado de Saint-Germain, em 1570, pelo qual permittiu-se completa liberdade de culto aos calvinistas; após a fingida reconciliação, em virtude da qual os chefes huguenotes foram chamados á côrte e Henrique de Bourbon, rei de Navarra, desposou Margarida de Valois, irmã de Carlos IX, após tudo isto, Catharina de Medicis, aproveitando-se da fraqueza de seu filho e da sua inaptidão para o governo, une-se á Henrique de Guize e aconselha a matança d'aquelles que descancavam na fé dos tratados, ou antes, que haviam tido a ingenuidade de acreditar nas promessas fallazes de uma côrte corrupta, onde, sob a capa da religião, só predominavam vistas ambiciosas.

Nunca o requinte da falsidade subira á tão alto grão, nunca uma conspiração fôra tão bem urdida!

Quando Coligny, á quem Carlos IX chamava de pae, se julgava nas boas graças deste rei e devia ser posto á testa do exercito francez, para ir combater contra Felipe II de Hespanha, segundo um tratado celebrado com Isabel de Inglaterra; quando ainda Henrique de Bourbon se achava quasi que na sua lua de mel, no interior do *Louvre*, sob o mesmo tecto em que elle dormia com sua esposa, dispunha-se o massacre d'aquelles que partilhavam de suas crenças.

Tão negra traição não podia se manifestar á luz do sol: E' só durante a noite que os vampiros sugam o sangue de suas victimas; por isso, antes que fosse dia, antes que a aurora surgisse com suas vestes de ouro, deu-se o signal convencional; as portas do *Louvre* giraram sob seus pesados gonzos, e a guarda real, a soldadesca infrene, ás ordens do duque de Guise, Retz e Tavannes, invadio as ruas de Paris; e semelhante á torrente que vaise tornando mais impetuosa á medida que se lhe reúnem pequenos tributarios, aquella horda augmenta com os bandos de burguezes armados que sahião das casas onde d'ante-mão haviam sido occultos.

Na sua missão exterminadora, nada os detém; a fraqueza da mulher, a innocencia da criança, a decrepitude do ancião, em summa, tudo o que é proprio para despertar a sensibilidade do coração humano — não os commove.

Impellidos pela força do fanatismo, praticam as maiores atrocidades; arrombam portas, saqueiam casas, mutilam cadaveres e os esmagam á pata de cavallos, — tudo por amor da religião, para gloria da igreja e salvação da patria!

E no entanto Paris dormia!

A Babylonia moderna — metropole dos prazeres — estava entregue ao seu abandono voluptuoso, enquanto o *Sena*, pequeno *Euphrates*, lhe desferia as endechas soluçantes de suas aguas!

Depois — o clarão do dia, o estrepito da luta, e o toque de rebato, partido de todas as igrejas, a despertam: a população inteira se ergue, como a mulher sobresaltada que deixa as alvas rendas do leito e não cora de se mostrar em desalinho — semi-nua.

Reina a confusão, e a matança recrudesce: os huguenotes, apanhados de surpresa, tratam antes de fugir do que oferecer resistencia. Muitos fidalgos da côrte do rei de Navarra, que nessa noite haviam dormido no *Louvre*,

ahi mesmo foram mortos, e até um d'elles, M. de Tejan, escapou de o ser na propria alcova de Margarida de Valois, onde, já ferido, se refugiara. Eis como a propria rainha narrou esta occurrencia :

« Eu estava dormindo; minha criada, ouvindo bater à porta e julgando que fosse o rei, meu marido, apressa-se em ir abri-la: era M. de Tejan, que, ferido e perseguido por quatro archeiros, buscava escapar á morte; os archeiros não o deixam, e elle, para se livrar, atira-se sobre o meu leito. Eu, vendo estes homens ao pé de mim, lanço-me entre a cama e a parede; Tejan segue-me, amparando-se sempre a meu corpo; ambos gritavamos, ambos estavamos aterrorisados. Emfim, foi Deus servido que apparecesse M. de Nancey, capitão das guardas, exprobrasse muito a indiscrição dos archeiros, e os fizesse retirar, confiando-me a vida deste pobre homem, que eu fiz tratar no meu gabinete, até ficar completamente curado. »

Esta succinta narração basta para nos dar uma idéa do delirio de que se achavam possuidos os comparsas d'aquelle horriavel drama; e se nelle alguma cousa pôde haver de consolador — é a piedade da rainha de Navarra, em opposição aos instinctos sanguinarios de sua mãe e aos desvarios de seu irmão.

Este, das janellas do *Louvre*, contemplava, satisfeito, os corpos que eram arrastados pela correnteza do rio, uns já cadaveres e outros ainda com vida, porém em lucta com a morte; e, o que é mais ainda, empunhando uma espingarda de caça, atirava sobre aquelles que conseguiam salvar-se !

Na opinião de muitos escriptores, Carlos IX, em tudo isto, não foi mais do que o joguete do fanatismo universal: para nós, que não temos a vaidade de pretender os fóros de escriptor, elle foi simplesmente um imbecil, um rei manequim, que Catharina de Medicis, Henrique de Guize e outros ambiciosos, moviam á seu talante. Incapaz de reflectir sobre o mais simples problema que se pôde apresentar no complicado mecanismo do governo de uma nação, nem mesmo como homem tinha o que se chama—caracter; e nem outra cousa se pôde dizer de quem confessa no circulo intimo de seus amigos estar cheio de remorsos, por haver pactuado na matança dos huguenotes, e vae depois, no parlamento, jus-

tificar o seu acto, accusando Coligny de haver meditado uma revolução !

Nesse desencadeamento de paixões populares e de odios reprimidos por tantos annos, era natural que o almirante Coligny fosse a victimia preferida. Elle era o *polypo* de mil braços que, afixado ao partido catholico, não o deixava estender-se livremente; era necessario matar o monstro; era necessario que a espada de Besme se cravasse n'aquelle peito, se embesbesse n'aquelle sangue e decepasse aquella cabeça.

Atacado em seu proprio leito, onde jazia desde a manhã de 22, em consequencia de um tiro que recebera, sahindo do Louvre, Coligny alli mesmo foi morto e arrastado para uma estrebaria proxima, onde lhe cortaram a cabeça, para ser enviada ao papa, segundo uns, e ao rei de Hespanha segundo outros. Morto na noite de 24, ainda no dia 27 reunia-se o parlamento para o condemnar a ser dependurado em um patibulo na praça de Grève, e depois levado para as forcas de Montfaucon!

Muitos foram os episodios desta sanguinolenta tragedia que durou cinco dias e que, de accordo com as instruccões secretamente expedidas, se estendeu de Paris á França inteira, dando em resultado a morte de 100:000 almas, segundo calculos aproximados; muitos foram os actos de canibalismo praticado pelos defensores do catholicismo, e como synthese de todos elles, diremos que a execução do cadaver de Coligny foi *honrada* com a augusta presença de seu filho Carlos IX, a quem era « agradável respirar o máo cheiro de um cadaver de inimigo ! »

Por seu lado, o Vigario de Christo na terra, o grande e piedoso Gregorio XIII, insigne fabricante de calendarios, não quiz que se occultasse na caligem do tempo esse *triumpho da christandade sobre a heresia*, e para o perpetuar fez pintar na Capella Sixtina um fresco representando a noite de S. Bartholomeu !

Ao Todo-Poderoso renderam-se mil graças, pelo exterminio dos inimigos da igreja, e para se conhecer até que ponto chegava o fanatismo e a perversidade do clero de então, que, salvo honrosas excepções, não era peor do que o de hoje, citaremos aqui alguns trechos de sermões allusivos ao acto :

« Oh! noite memoravel! noite gloriosa entre todas nos fastos da historia. Pela morte de alguns sediciosos, ella salvou a vida do rei e livrou o reino da continua apprehensão das guerras civis!

« Sim! sem duvida, durante esta noite as proprias estrellas mostraram-se mais brilhantes, e o *Sena* augmentou o volume de suas aguas, para mais rapidamente arrastar os cadaveres desses homens impuros e os lançar no oceano.

O' feliz entre todas as mulheres, feliz a mãe do rei, que, depois de haver trabalhado durante tantos annos, com uma sabedoria e uma solicitude admiraveis para conservar o reino á seu filho e seu filho ao reino, ponde, emfim, sem inquietação, ver seu filho senhor da França!

O' felizes tambem os irmãos do rei! Emfim, santissimo padre, que dia de alegria aquelle em que, recebendo esta noticia quizesstes ir agradecer á Deus e ao rei S. Luiz (porque este acontecimento se deu na vespera de sua festa) e em que fostes á pé assistir em sua igreja as sollemnes acções de graças ordenadas por vós. »

Isto pregava o padre Muret, em presença do papa, alguns dias depois do lugubre successo.

Carlos IX não podia deixar de ter tambem o seu pane-gyrico: d'elle se incumbio o padre Panigarolle, que um anno depois foi nomeado bispo de Ferrara e mais tarde de Asti. « Carlos IX (exclamava este sacerdote dirigindo-se ao rei) sacrificou sua felicidade e seus interesses para fazer observar a lei do Senhor.

« Elle será immortal nos céos, será immortal na boca dos homens, por ter exposto sua vida, sua dignidade real á tantos perigos, em favor da religião e do povo.

« Apenas com um signal de seus labios, elle expellio a heresia desde o *Garonna* até os Alpes, desde o *Rhodano* até o *Rheno*. »

Eis, em ligeiros traços, o que foi a matança dos huguenotes, sobre que assenta a opera de Meyerbeer, que a esta hora se representa no imperial theatro.

Se as bellezas da musica e a boa interpretação dos papeis por muitas vezes nos têm arrancado applausos n'aquelle recinto — a lembrança de tudo o que fica ex-

pendido também nos tem feito d'alli sair sob o peso da
mais dolorosa impressão.

E' que para nós a *noite de S. Bartholomeu*, longe de
ser um acontecimento glorioso para a historia da igreja,
é uma de suas maiores maculas, é uma pagina que não de-
vera existir no livro dessa historia !

Agosto—24—78.

M. VALLADÃO.



Ensaio litterario

O SONHO ACORDADO

(FANTASIA)

A JOSE' FAUSTINO

Quem, no *verdor da mocidade*, não terá sonhos felizes e
pesadelos horribes? Quem, na *estação matutina da vida*, não
passará, entre as *nevoas bellas e inebriantes* de suas pri-
meiras *manhãs*, *mulheres de formas divinas*, descuidosamente
envolvidas nas *finas gazas da aurora*; e, entre as *sombras*
tetricas e pavorosas de suas *primeiras noites*, as *parições* de
aspecto *aterrador*, completamente *embaçadas* no *lugubre*
manto das trevas?

Quem, nesta *idade*, meu Deus, não terá a *mente* — ora
escalçada como um *vulcão activo e intenso* cuja *cratera* só
vomita *vida e esperança*, — ora *fria* como uma *gruta* *sombria*
e *triste* onde *reina inacção e desanimo*, e onde a *voz humana*,
se perdendo no *labyrintho* de suas *abobadas*, *echôa*, de um
antro a outro, *tremula e funebre* como o *dobrar de um sino*?

Quem, então, não terá um *triplice coração* : — *indiffe-*
rente e grave como o do *homem de hontem*, — *ambicioso e*

positivo como o homem de hoje, — e esperançoso e progressivo como o do homem de amanhã?

Quem, finalmente, nesta idade fagueira, rica de emoções, superabundante de seiva, exuberante de crenças; nesta idade, — chave de todas as felicidades, — arca de todas as delicias, — erario de todos os prazeres, — cofre de todas as venturas da vida; quem, nesta idade de sonhos dourados, de aventuras felizes, de paixões ardentes, não terá a natureza, — ora alegre como a do canario, — ora triste como a da rôla, — prazenteira como a do colibri, — saudosa como a da patativa, — inconstante como a da borboleta?

— Ninguém!

Nobre ou plebeu, rico ou mendigo, venturoso ou desgraçado, anjo ou demonio, genio ou montecapto, sabio ou ignorante; no ruido das cidades ou na solidão dos ermos, no mar-more dos templos ou na relva dos campos, sob a torre dos palacios ou sob o colmo das choupanas; deslizando sobre sedas e velludos ou tropeçando sobre cardos e urzes, subindo olympos e capitolios ou descendo abysmos e infernos, sorrindo á vida por entre as alvas cortinas de um throno ou lastimando a morte por entre os negros crépes de um tumulo; todos sentem as mesmas emoções da mocidade.

Para todos o céu tem estrellas, as estrellas — brilho; para todos o espaço tem ar, o ar — vida; para todos o mar tem sereias, as sereias — encantos; para todos a terra tem prados, os prados — flores; as serras têm valles, os valles — verdura; os campos têm varzeas, as varzeas — regatos; as mattas têm palmeiras, as palmeiras — leques; os leques têm passaros, os passaros — cantos; os cantos têm sons, os sons — harmonia; finalmente, para todos a mulher tem amor, o amor tem delicias, as delicias têm vida, a vida tem poesia, a poesia tem sonhos, — sonhos de tristeza, sonhos de alegria, sonhos de desanimo, sonhos de esperança.

Ai! e como se é feliz quando se sonha?!

Quanto é delectavel adejar as purpureas azas da fantasia, no encantado reino das illusões, em torno do dourado pomo da felicidade?!

Como é doce o despertar suave pelas auras inebriantes da ventura, no leve batel veleiro do ideal ameno, quando já sem sentidos boiamos nas cavadas ondas da descrença, batendo como naufragos nas fragosas rochas da realidade?!

.

Sentia-me verdadeiramente triste. Como o assassino, que busca em balde fugir á sombra ensanguentada da victima de seu punhal, porque é a sombra da propria consciencia que o persegue, em vão eu fugia da tristeza, que era a sombra de minh'alma. Aqui, no prado, purpurea flor com matizadas petalas me deslumbra; pressuroso vou colher a bella rosa, e, mal me curvo para ceifal-a, tenho ante os olhos a roxa saudade! Ali, no arvoredor, marchetado passaro com canora voz me chama; contente corro a ouvir o cardeal, e, mal me approximo para apreciar-o, me fêre os ouvidos o sinistro pio de negro mocho! Além, no monte, limpida fonte com crystallinas aguas me attrahe; sedento avanço a matar a sede, e, mal busco sacial-a, em negro espelho vejo minh'alma negra! Que terrivel visão assim me persegue? Que horrivel espectro assim me atormenta? Que magico fantasma assim me acompanha?

— A descrença!

Sim! era a descrença, — esta imagem do desespero, esta noite da fé, esta treva da esperanza, esta sombra do coração que tantas vezes é o crepusculo alvicareiro da gloria, sol da mocidade, — que, com encantado condão, transformava o scenario de minh'alma, onde representava o scepticismo, drama infernal da desesperação. Medonho contraste eu via ali: em tudo — transformações horribes que faziam meu coração debater-se de encontro as graníticas rochas do desengano, como o desgraçado, em sua queda, nas paredes ponteagudas do profundo abysmo em que o lançara o desespero da vida! Tragico enredo me escaldava a mente delirante: era uma luta tremenda em que eu sentia o desabar formidavel do castello brilhante das crencas e das illusões queridas, que tinham afagado meus tenros dias; era um pesadelo cruciante, semelhante ao ultimo somno do suppliciado, que, sonhando com as galas da salvação, acorda nas sombras da morte, subindo os degrãos da guilhotina que o separam da vida, que o afastam para sempre do pae, da mãe, da esposa, do filho, do amigo, da felicidade, em summa, fruida na sinceridade de sua amizade, na graça de seus brinquedos, na ternura de seus encantos, na doçura de seus carinhos, na amenidade de seus conselhos.

Tudo se reflectia nas pupillas de meus olhos, tomando formas estranhas, formas diferentes daquellas de que o meu cerebro guardava as impressões. A vara magica do scepticismo transfigurava, hediondamente, tudo: — embuçando a honra com o manto da ignominia, — vestindo a virtude com a libré do vicio, — envolvendo a justiça com os andrajos da iniquidade, — chafurdando as puras vestes da moral na pos-silga, na lama immunda da corrupção, — derribando o throno da verdade, — derrocando o pedestal do bem, — destruindo, emfim, o templo do Divino, e erigindo, sobre os seus sagrados destroços, as negras columnas da impia caverna, onde habita a sinistra ave da escuridão, o roedor abutre das crenças, — o pyrrhonismo.

A descrença me tinha convertido em sceptico, e o scepticismo acabava de me chrismar — pyrrhonio.

Precipitei-me, então, de todo, na voragem da desesperação, nas dilatadas fauces das trevas!

E' que a descrença e o scepticismo são o espirito do pyrrhonismo: acompanham-no, passo á passo, como a sombra ao corpo; seguem-no, linha á linha, como o vicio ao crime; mas, esta trindade detestavel foge attonita e offuscada ante a verdade, como as trevas ante a luz. Como estas, tambem são phenomenos incompativeis: onde reinam descrença, scepticismo e pyrrhonismo—não existe verdade, e onde impera esta — não se conhece aquelles.

Em um minuto de pyrrhonismo, que era um seculo de tédio, de desanimo e de horror á vida, olhei para o céu, para o espaço, para o mar, para a terra, e em tudo, em todas as partes da criação, desta revelação sublime, se achava estampada, em caracteres ardentes que me fanavam a alma, a palavra—mentira! Tudo era mentira, tudo era illusão, tudo era, finalmente, torpe engano, que sempre me afagara, para, então, desapiedado, jungir-me aos ferros do desespero. Se pensava na fama, nesta divindade feiti-ceira que tanto me encantava, —deduzia que era uma chi-méra, um sonho, um meteór que passa, uma nuvem que se dissipa, e nada mais. Se pensava no amor, neste fluido suave, essencia da vida, —sentia o coração afogar-se no odio, neste liquido candente, veneno d'alma. Se pensava na honra, nesta virtude sublime que tanto tem embalsamado meus sonhos de mancebo, presidindo a todos os meus actos, —vi-a calcada aos pés da ignominia, agrilhada ás garras da oppressão, humilhada pela hypocrisia, dragão vil e trai-

coeiro que, dissimulado em virtude, corroe o merito, macula o puro, e estrafega o são.

Finalmente, nada possuia, n'aquelle instante, valor real ante os meus olhos: não havia justiça, não havia merecimento; eram os mesmos — o bem e o mal, — a virtude e o vicio; e tudo era illusorio, e tudo era frivolo, e tudo era fugace, e tudo era instavel — como o fumo que se evapora, como a luz que se extingue, como o vento que passa, como o fagueiro sonho do ligeiro somno que se dorme.

Eu tinha descurado de Deus, dos homens, de todos e de tudo! Uma pezada lethargia absorvia todo o meu ser, e, perplexo, tinha a mente mergulhada nestes abominaveis pensamentos, quando um raio emanado de luz divina, nuncio das crencas que me abandonaram, vem de novo banhar minh'alma nas aguas da fé, vem de novo fortalecer meu coração com as mèsses da esperanza. Lembrei-me, então, da infancia, da mão que embalou o meu berço, do amor: — lembrei-me de Deus. Lembrei-me do futuro, da felicidade, da immortalidade de um nome: — lembrei-me da gloria. Tinham-se dissipado as negras nuvens que escureciam minh'alma, e esta, reivindicando as illusões que a alimentavam, entregou-se, com embriaguez, á meditação do porvir, e, dentro em pouco, principiou a fantasiar.

.
.
.
.
.

Rio de Janeiro, em 1874.

TITO AMARAL.

Continúa.



O X

AO AMIGO E COLLEGA ALVARO DA COSTA

'Stou *amolado*, meu velho,
Não quero mais estudar,
Pois receio que a cachola
Venha-me um dia a estourar ;
Não faço nada na *Escola*,
Não nasci p'ra calcular ;
Vou antes cavar *minhocas*
Ou então... fazer *pipócas*.

Tem cousas a tal *sciencia* !
Parece até *gaiatada* !
Haverá quem *accredite*
Que exista a *raiz quadrada* ?
Haverá quem não *hesite*
Em tomar essa *pitada* ?
— Não entendo o *qui-pro-quô*,
Cada vez 'stou mais a *quô* !

Raizes tortas, compridas.
Grossas, finas, envergadas,
Tenho visto muitas vezes ;
Porém *raizes quadradas* ? !
Irra ! que dentro em dous mezes
Terei as ouças *magoadas*,
Se de um viver tão grotesco
Não fôr já me *pondo ao fresco*.

Ter *razão* e ter *grandeza*,
Proporção, *valor*, *potencia*,
Somente ao homem foi dado,
Segundo diz a *sciencia* ;
Por issa fico *amolado*
E me foge a *paciencia*
Vendo um X *arrenegado*
Nisso tudo *fragmentado* !

« Crescei, multiplicai-vos »
Disse o Eterno aos mortaes ;
Porém os x entenderam
Que nós somos seus iguaes ;
E assim tambem cresceram,
Tambem crearam *signaes*,
E provocam, dão massada ;
Não parece gaiatada ?

Pois não é; fallo-te serio,
Não vás pensar que é despeito,
Tem tudo isso o tratante,
Juro-te a fé de meu peito ;
E depois se um estudante
Que detesta o tal sujeito
Ri-se d'elle, brinca, zomba,
Póde dizer : '*stou na bomba* !

Outra cousa — não sabias ?
São como nós baptisados !
E que nomes exquisitos !
Ha x cubos, x quadrados,
Tambem ha x infinitos
 X baixados, elevados,
E' uma troça de asneiras,
Que põe a gente às carreiras !

Tambem fazem seus pagodes,
Tambem dão suas *funccões* ;
Quasi sempre ha barulho
No final—ha *reducções*.

E então lá vem montado
No cachaço de um dx
Um dy furioso
Co'as ventas sujas de giz.

Um outra volta rendido,
Quero dizer—sae *quebrado*
Pelo peso do *priminho*
Que carrega no costado.

.
.

E se metta um cidadão
Em tamanha trapalhada!
— Já mandei dizer ao velho
Que do *x* não tomo nada.

Outro dia vi-me *bambo*,
Um *dx* tirou-me o pello!
— Apanhou-me lá na pedra,
Ah! meu velho! Que atropello!

O maldito do tal *x*
Pinta a manta aqui na *Escola*!
— Muito breve o veremos
Sustentando até *cartola*!

E' sómente o que lhe falta;
— Tudo mais elle já tem!
Para a obra ser completa,
Dê-m-lhe mais isto também.

Mas antes que isto dê-se
Eu vou já me pondo ao lado,
Porque se um dia eu vir
O maldito n'esse estado

Com certeza irei ao *Hospicio*
Concertar minha cachola,
Pois tão medonho *fantasma*
Far-me-ha perder a bola!

Corte, Outubro—78.

T. PORTOCARRERO.

Eugenia

Quero morrer. Esta vida
E' p'ra mim um grande, abysmo.
— Ando pobre, sem guarida
Neste escuro plebeismo.

Do mundo o pesado lenho
Carrego já sem conforto.
Quero morrer, mas não tenho
Onde possa cahir morto.

Tu que és de amor—esteio,
De virtudes—protocollo :
— Sepulta-me no teu seio
Sobre o marmor de teu collo.

FAVILLA NUNES.



Protesto

A' M. G.

Tu me disseste, em queixosas frases,
qu'eu já não tinha-te o amor d'outr'ora ;
por isso—eu venho desfazer agora
o máo juizo que de mim tu fazes.

Porque motivo tu presumes isto ?
Porque me julgas fementido assim ?
— Se tu duvidas — se não crês em mim,
escuta — eu juro pela cruz de Christo :

« Por ti olvido as demais mulheres,
por ti eu ando perdidinho, louco... »
— Se tudo isto te parece pouco,
sê franca — exige o que mais quizeres.

Depois (tu sabes quanto eu sou sisudo)
à despeito mesmo das queixosas frases,
darei-te um beijo — em signal das pazes,
e assim, meu anjo, *acabaremos tudo!*

Setembro de 1878.

M. VALLADÃO.

Como sonhei-te

Sonhei-te entre as gazas de meus devaneios,
Nos castos enleios de um brando sonhar !
Teus labios se abrião n'um riso de infante,
Qual flôr odorante que beija o luar !

Tu eras tão bella — *Consuelo* a dormida—
De branco vestida— *Valkiria* do céu !
A bruma era o berço que manso te erguia
E doce envolvia-te em candido véo !

O euro da noite embalava-te o somno,
Em molle abandono teu corpo jazia ;
E a basta madeixa dos negros cabellos,
Cahindo em novellos, teus seios cobria !

Assim eu sonhei-te, *Eloah* seductora,
Do mundo senhora n'um leito de nuvens !
Tão bella te tenho na mente gravada
Oh ! luz emanada de um sonho de *Rubens* !

Assim eu sonhei-te — ideal, peregrina,
Qual sombra divina perdida nos céus !
Por entre os aromas das amphoras santas
Beijavam-te as plantas os anjos de Deus !

LEOPOLDO CHAVES.

Chronica

Quasi que não chupitam...

Tantos e tão grandes foram os apertos em que andamos este mez, que chegamos a escrever :

« *Monsieur le lecteur : J'allègue ma qualité de chroniqueur fatigué, pour vous dire que ce mois ne m'est pas possible d'écrire la chronique, et je profite de cette occasion pour...* »

Chegando a este ponto nos lembramos de duas cousas : 1.^a que nem todos os leitores da *Revista* poderão trazer uma carta em *francês da Academia*; 2.^a que a falta da *chronica* os poderia deixar com caras de crianças desmamadas; e como estamos na persuasão de que temos o nosso *que de* ama carinhosa, apressamo-nos em dar aos amáveis leitores, e sobretudo aos assignantes (1), a mirrada *têta* da nossa intelligencia.

• •

Dissemos acima que andamos este mez em apertos; e para que não se supponha alguma *rasão purgativa*, desde já declaramos que o *aperto* foi todo moral.

Quanto ao physico — não ha novidade: Nedio, corado e

(1) Como passaram? Já estão em dia?

cada vez mais *pimpão* — o *chronista* vae passando como não é da conta de ninguém. Ouve missa aos domingos, vae ao *Lyrice*, patina no *Rink*, aposta no *Prado*, dorme quando tem somno e na falta deste — toma narcoticos. Foi usando desta receita que encontrou na *Boa Nova*, do Pará, de 21 de Setembro findo, uma solemne descomponenda, em forma de *pastoral*, a um dos redactores da *Revista* por ter se « julgado habilitado, a derruir o throno de Deus » mostrando-se adepto das doutrinas de Comte, Littré, Voltaire e Rousseau. Se o governo lesse *aquelle* *jornal* era bem capaz de ficar convencido de que *as nossas escolas superiores estão n'um estado deploravel*, e então (economia no caso) mandaria trancal-as e remover-nos para o Seminario de Belém: Não teriamos mais engenheiros, nem medicos, nem jurisconsultos, porém teriamos um mundo de *reverendos*, o que seria muito melhor; não acham, Senhores Conegos (1) ?

Somos muito infeliz !

Agora que iamos travar relações com o *Apostolo*; que já tinhamos resolvido ir ao *morro do Castello* despejar a mala da nossa consciencia e prometter jejuar todos os dias até antes do almoço — é justamente quando os maldictos credores lembram-se de chamar o Santo orgão a *mansão da quebradeira* ! E logo quem ! O *seu* Reis ! Ah ! *seu* Reis, *seu* Reis ! O senhor é um apost...ata : Hontem — defensor acerrimo do christia-romanismo n'aquellas columnas immensas, que não valiam *dez reis de mel coado*, e hoje — por uma questiuncula de dinheiro — o algoz da imprensa catholica, cassando o *exequatur* de publicação á um dos seus maiores orgãos ! Excommungue-o, Sr. Lacerda, excommungue-o : Nem mais um dia de indulgencia, e se tiver por lá algum pedacinho do *santo papel* — mande-nos para reliquia.

Até agora nos conservamos neutro no terreno da politica; porém em vista dos ultimos actos do Sr. ministro do

(1) Só na administração e redacção da folha contamos 1, 2, 3, 4, 5 !!!
Chi ! quanta gente de perna encarnada !

imperio, e sobretudo do decreto que crea cursos nocturnos nas escolas publicas —, acompanhamos o *Besouro* — somos liberal!

Muito bem, Sr. Leoncio! O senhor é mau: continue assim que será nosso, será do povo, será de *nós todos*.

Emquanto os seus nobres e provecos collegas se occupam de *cousas serias* e vão tomando empanzinções de tricas eleitoraes, o senhor, que é o *nené* do gabinete, que ainda cheira a estudante — vá creando escolas, vá levantando o nivel intellectual, deste povo, que ainda não sabe o quanto vale, que ainda não tem consciencia dos seus direitos, e depois veremos tambem subir o seu nivel moral, veremos como sobre taes bases se ha de erguer magestoso o edificio da nossa futura grandeza.

•
•

Somos liberal, não ha duvida; e tanto assim que vamos protestar contra o procedimento da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro, que, sahindo da esphera de suas attribuições, vae mettendo o bedelho em tudo, menos no que é da sua competencia. Tomem tento, senhores deputados; deixem o governo geral, com quem os senhores nada tem que ver, e procurem saber se ha boas estradas de *Macacú* para *Marapicú*, se em *Paqueté* já ha escolas, se o povo de *Nichterohy* pode beber melhor agua e, finalmente, se as goiabas de S. Gonçalo constituem ou não uma fonte de receita para a provincia:

E' disto que se devem occupar: Entendem?

•
•

Aves que mudam de clima com a mudança das estações, os *roucins* da *Companhia Lyrica* já sacodem as azas e em breve baterão a linda plumagem; não o quizeram, porém, fazer sem dar-nos quatro representações do *Guary*, do nosso laureado Carlos Gomes, e, segundo ouvimos dizer, o Storti, a Marianni, o Tamagno, e o Castelmaly pintaram o sete.

De todo o *elenco* d'actual companhia, quem, a nosso ver, soube mais dignamente captar as sympathias do publico — foi a Sra. Marianni. Modesta e correta, tanto na

parte dramatica, como no canto, a intelligente *prima-dona* começou por ser friamente recebida na noite de sua estréa, isto é, quando ainda não havia descansado das fadigas de uma longa viagem; depois — já na segunda noite — conquistou applausos; e d'ahi por diante, sempre n'uma escala ascendente, foi revelando qualidades de artista consummada, até mostrar que era digna da fama de que viera precedida.

Não podemos apreciar-a no *Guarany*, porque... o Sr. Ferrari ainda desta vez não quiz abolir o pessimo systema de só dar entrada no imperial theatro á quem deixa os cobres no Castellões ou no *bilheteiro*, e comprehende-se o quanto este systema é vexatorio para um chronista do nosso quilate, que anda sempre á tinir.

Eis a razão porque, em vez de chronicarmos acêrca das ultimas representações, fallaremos do *Propheta*, que foi a ultima á que assistimos: Achamos esta peça muito boa, queremos dizer — muito bem cantada, muito bem soprada, e muito bem ensaiada; porém o que mais nos encheu as medidas foi a *chegada dos patinadores*, alguns dos quaes desmentiam a cada instante o

Ardite e legere
Pel giaccio sen van
Del freddo sentiere
Timor non han. /re
a&.

Havia então um sujeito muito alto e muito barbado, que era o descaramento a rodar sobre *patins*; por cada volta que dava — levava tres trambulhões; e em vez de sumir-se para nunca mais apparecer, continuava a querer patinar e a *projectar-se*, que era um Deus nos acuda: Tivemos impetos de o esmagar, ao passo que applaudiamos freneticamente as *patinadeiras* que cahiam.

Emfim, o *Propheta* é... o *Propheta*, e se o leitor quizer saber quem seja o *Propheta* — puxe pelos cobres e faça o que fizemos.

*
**

Uma das festas mais curiosas do Rio de Janeiro é, sem duvida alguma, a da *Penha*: O grande numero deromeiros que á ella concorre, os seus habitos e os episodios que se dão — fornecem á um espirito observador materia para

encher volumes e volumes; mas o *chronista*, que nem foi a *Penha*, nem é observador, limita-se a contar o que se deu comsigo no domingo 13 do corrente, dia d'aquella festa: Mui refestellado vinha elle n'um *bondinho de tostão*, quando ao chegar á rua do *General Pedra*, entram no mesmo *bond*, e sentam-se no mesmo banco, um *Manél* com a sua *Maria* e duas crianças — uma de peito e um menino de 7 para 8 annos.

Binham da Penha e trasiam *roscas e castanhas* em porção sufficiente para empanturrar todos os nossos leitores passados, presentes e futuros. O menino empunhava *le sabre de seu père*, isto é, um *guampo* enorme, caprichosamente retorcido; de repente, não sei porque artes de *berliques e berloques*, desarrolha o *bicho* e ensopa-nos de *cachaca!*

Imagine-se em que estado não ficaria quem se destinava a fazer uma visita de cerimonia! A *sinhô Maria* tambem não teve duvidas; furiosa como um *cascavel* e vermelha de raiva, ou d'aquillo que vinha no *chifre*, pendurou-se á orelha do pequeno e á cada puxão que lhe dava dizia: « O *munino!* então foi p'ra isto que *tumaste o chifre de teu pae?* »

Afinal tivemos de intervir, porque do contrario o pobre menino ficaria desorelhado.

∴

Deste lugar já o *chronista* tem tomado os folhetinistas *Cruzeiro* para seu palito.

Comquanto nunca o fizessemos (1), todavia julgamos conveniente dar um conselho á *rasão social G. Vianna & C.*: E' o seguinte: « Conservem *Eleazar*; passem *Rigoletto* para o quadro effectivo e mandem *Beppo* plantar batatas. Mas (occorre-nos agora uma idéa) quem sabe se o *Beppo* do *Tutti Frutti* não é proprio *Rigoletto* das *notas semanaes?* »

Neste caso... o nome do individuo influe sobre os seus destinos, e ficaríamos com um *carão* maior do que o do Sr. *Bernardo Gavião*, ao ver a *Camara Municipal* de *S. Paulo* capar-lhe a votação e excluil-o da lista sextupla,

(1) Foi o *mestre*, seu *Vianna*; foi o *mestre*.

apezar do seu erario, por ser empresario, cessionario, usurario e... desnecessario.

Quem com isto se lambeu todo foi o Sr. João Mendes, e mais se lamberá ainda se o imperador, que é um pandego, der-lhe ingresso no senado.

..

A litteratura patria tem nestes ultimos tempos soffrido perdas irreparaveis: Parece que a morte escolhe de preferencia aquelles que á ella se dedicam — para suas victimas!

Hontem era José de Alencar — o genio mais fecundo que temos tido — um talento que valia a reputação de um povo.

Hoje — é Amalia de Figuerôa, distincta escriptora e poetisa rio-grandense — a mimosa cantora dos *Crepusculos*!

E assim vae rareando essa pequena, porém brilhante, phalange de escriptoras nacionaes!

Quem nos resta? Narciza Amalia, Maria Ribeiro, Adelinha Fonseca, Julia Monteiro e...

Tão poucas, meu Deus! Tão poucas!

..

E já que fallamos dos mortos, fallemos tambem de um moço que não era escriptor nem litterato, mas que era um romeiro da sciencia, e que acaba de descer ao tumulo justamente quando o futuro parecia saudal-o com os sorrisos da ventura: Estudante dos mais distinctos, modesto e intelligente, Arnobio Barata Góes, pela sua applicação ao estudo, por si sómente, já tinha chegado ao meio de sua carreira scientifica — onde muitos só chegam impellidos pelas auras fagueiras da protecção. Conhecemol-o estudante da *Escola Militar*, onde desde o curso preparatorio até o 3º anno do curso superior, em que se achava, mereceu sempre a estima dos companheiros e a consideração dos lentes.

Sirva isto ao menos de consolo á sua desolada familia, á quem damos os nossos sinceros pezames.

..

E aqui pára o *chronista*: ante dois tumulos tão recentemente fechados, depõe a penna, curva-se respeitoso e verto uma lagrima de Saudade!

M. V.

*
* *

P. S.— Dois grandes acontecimentos obrigam-nos a tomar a penna que já tínhamos deposto e a fallar dos vivos. Um foi a inesperada despedida da insigne artista, a Sra. Marianni, no dia 25 do corrente e o outro o beneficio da Sra. Pozzoni, no dia 28.

Não somos *Pozzonista* nem *Mariannista*: apreciamos o merito onde quer que elle se ache; não nos importa saber se o Sr. Ferrari teve motivos justos para dar por terminado o seu contracto com a Sra. Marianni, ou se o fez simplesmente por *intriga de bastidores*; limitamo-nos a affirmar que a intelligente artista foi alvo da mais esplendida e espontanea manifestação que nestes ultimos tempos se tem visto nos nossos theatros, o que prova haver ella cahido no gôto do publico fluminense.

Quanto ao beneficio da Sra. Pozzoni, que incontestavelmente é uma artista de muito merito, foi tambem uma festa digna do seu talento; e se o genio artistico da Sra. Marianni teve saudações do Alberto de Oliveira, o poeta da *Torturas do Ideal*, o da Sra. Pozzoni (que pena!) tambem as teve do poeta (?) das *Maguas e Dôres*, que n'um arroubo de imaginação escreveu:

« Juca, bêbê de minh'alma
Tu podes morrer até!...
E se o vapor arrebentar-se
Eu tomo o trem vou a pé. »

Affirma-nos quem assistiu ao beneficio da gentil *primadona*, que n'aquella noite ia tudo levando a *breca* porque a onda do entusiasmo que se *alteia* n'estas occasiões, chocando-se com os *vagalhões da idéa* que se lançavam do *Rego* do Sr. Nicoláo, além de inundarem o imperial theatro, batiam de encontro ao seu bojo com uma furia tal, que por um triz não veio tudo abaixo.

Houve até quem visse o Sr. Bartholomeu pôr bandeira a meio páu, pedindo soccorro.

*
* *

Corre, com visos de verdade, que o *Apostolo* não morreu como se dizia. Tivera apenas um *tremeliques*, isto é, uma syncope, motivada pela ingratidão do Sr. Reis, e conta-se que apparecerá no dia de *Todos os Santos*, vespera de *Todos os defuntos*. O que não dirá elle da *cremação*? *En garde*, M. Leoncio! *En garde*!

V.

Fomos obsequiados durante o mez com os seguintes jornaes: de New-York, *Correspondencia dos Estados-Unidos*; da Côrte e Provincia do Rio de Janeiro: *Revista Polytechnica*, *Phonographo*, *Monitor Academico*, *Revista Militar*, *Domingo*, *Diario de Campos*, *Revista Americana* e *Monitor Campista*; do Piahy, *O Semanario*; do Ceará, *Pedro II*; do Pará, *A Constituição* e *Boa Nova*; do Maranhão, *A Escola*, *Progresso* e *Commercio de Caxias*; da Parahyba, *A Opinião Liberal*; do Rio Grande do Norte, *O Liberal*; de Pernambuco, *Diario de Pernambuco*; das Alagoas, *Estrêa*, *Infancia* e *Seculo*; de Sergipe, *Echo Liberal*; da Bahia, *A Ordem*; do Espirito Santo, *Espirito Santense*; do Paraná, *O Paranaense*; de S. Paulo, *Gazeta de Campinas*; de Minas Geraes: *Bacpendyano*, *Colombo* e *Mosaico Ouro-Pretano*; de Santa Catharina, *O Despertador* e o *Conservador* e do Rio Grande do Sul: *Violeta*, *Progresso Litterario*, *Santa Cruz*, *Livramento*, *Revista Gabrielense*, *Cruzeiro do Sul* e *Caixeiro*: Muito obrigado.